



DESÍGNIO, REVISTA DE HISTÓRIA
DA ARQUITETURA E DO
URBANISMO, N. 1, MAR. DE 2004.
REVISTA SEMESTRAL

PREÇO: R\$ 30,00 (AVULSO) E R\$ 50,00
(ASSINATURA ANUAL)

Andréa de Oliveira Tourinho

A iniciativa de uma publicação acadêmica, como veículo de amplificação do conhecimento, deve ser recebida sempre com entusiasmo, principalmente quando se pretende consolidar um canal de divulgação permanente das idéias de uma área específica de pesquisa, como é o caso de *Designio, revista de História da Arquitetura e do Urbanismo*, publicação semestral da área de concentração de pós-graduação História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo da FAUUSP.

Coube à socióloga doutora Maria Irene Szmrecsanyi, como coordenadora da referida área, dirigir o projeto que se inicia nesse número, com a pretensão de ser “*um encontro entre tradição e renovação, procurando a qualidade presente da produção acadêmica e a qualidade duradoura da cidade-sociedade brasileira*”, como afirma a própria diretora em seu editorial (p. 7-8).

A revista se organiza em três seções: Dossiê, Artigos e Crítica, além de um espaço final de Notas, dedicado a informações gerais relacionadas à área de conhecimento enfocada pela revista. Essa estrutura, aparentemente muito simples, pode ser considerada como um dos principais acertos da publicação, uma vez que não só organiza de forma racional e clarificadora o material oferecido, como também permite um cotejo subliminar de seu conteúdo, agrupando-o de tal modo que favorece um olhar abrangente e, ao mesmo tempo, dirigido sobre os temas apresentados.

Nesse sentido, a seção Dossiê favorece, inicialmente, uma visão antidogmática ao propor um tema analisado e questionado sob distintas óticas. Nesse primeiro número, o tema proposto foi “História e Projeto”, com trabalhos apresentados por Olgária Matos: “Historicismo em arquitetura” (p. 11-14) – em que se evoca o tema no campo da filosofia, a partir do pensamento de Walter Benjamin (1892-1940), tratando a arquitetura no âmbito do fascínio da mercadoria e da alienação; Regina Meyer: “Cidade, história e projeto” (p. 15-16) – no qual se questiona o papel da história no ensino da arquitetura; Mário Henrique D’Agostino: “Adversidades do moderno” (p. 17-22) – acerca do problema da ideologização do movimento moderno pela historiografia; e Maria Irene Szmrecsanyi: “Uma pós-modernidade secular?” (p. 23-32) – no qual a autora discute a trajetória dos espaços de lazer como espetáculos da sociedade capitalista e de sua arquitetura promocional.

Em seguida, a seção Artigos oferece não só uma visão panorâmica da produção da referida área de pós-graduação, refletindo os temas e as preocupações da pesquisa no momento atual, como também apresenta a contribuição de professores de outras escolas no país e exterior. Esse primeiro número traz trabalhos de historiografia nacional, como os de Júlio Katinsky: “Povoados, vilas e cidades coloniais do Brasil” (p. 81-92) – sobre a urbanística luso-brasileira, especialmente dos séculos 16 ao 18; e de Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno: “O ensino de arquitetura nas aulas de engenharia militar da Bahia no século XVIII” (p. 93-100) – com documentação ilustrada, composta por trabalhos dos bolsistas desse curso enviados à Coroa; além do artigo de Maria Lucia Bressan Pinheiro e Mário Henrique D’Agostino: “A noção de pitoresco no debate cultural das primeiras décadas do século XX no Brasil” (p.119-128), o qual apresenta um enfoque mais voltado para a teoria da arquitetura, com ênfase no pensamento de John Ruskin (1819-1900), autor, entre outros trabalhos, do inovador livro *Seven lamps of architecture* (1849), e sua influência nos arquitetos brasileiros do início do século 20.

Tratando especificamente de São Paulo, comparecem os artigos de Paulo Cesar Xavier Pereira: “Fundação e surto urbanístico: Metáforas da transformação de São Paulo” (p. 129-136) – em que se confrontam as metáforas utilizadas pelo historiador Eurípedes Simões de Paula, o urbanista Prestes Maia e o geógrafo Pasquale Petrone, e também o artigo de Anat Falbel: “Imigração e urbanização na cidade de São Paulo: Dois momentos” (p. 137-146) – no qual se identifica a contribuição ao urbanismo e à arquitetura de duas levas de imigração judaica: uma no século 19 e outra no século 20.

O campo do urbanismo internacional está representado pelo artigo sobre as mudanças históricas do caráter visual e físico de Londres, intitulado “On the art of urban design” (p. 35-58), de Robert Tavernor, professor da Universidade de Bath, que esteve recentemente no Brasil participando, entre outras atividades, do simpósio internacional “A Cidade do Amanhã”, promovido pela FAUUSP e pelo IAB-SP.

As relações entre conceitos da produção em massa e as artes plásticas são analisados por Stéphane Huchet, da Universidade Federal de Minas Gerais. O número inicial da revista traz, ainda, o artigo de Beatriz Mugayar Kühl: “Questões teóricas relativas à preservação da arquitetura industrial” (p. 101-117), a respeito do interesse recente pela conservação do patrimônio industrial.

Finalmente, a seção Crítica, tão oportunamente proposta pela revista *Desígnio* em sua própria estrutura organizacional, direciona o olhar do leitor para os problemas desse tipo de trabalho, o qual, nas palavras de Tafuri, busca “apreender a fragrância histórica dos fenômenos, submetê-los ao crivo de uma rigorosa avaliação, revelar as suas mistificações, valores, contradições e dialéticas íntimas, fazer explodir toda a sua carga de significados” (TAFURI, Manfredo: *Teorias e história da arquitetura*. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1979. p. 21).

Adverte-se, no entanto, que a divisão das seções propostas pela revista carrega o perigo da definição, ou melhor dito, da indefinição, dos limites do conteúdo das matérias. Essa situação obriga, necessariamente, a uma opção pedagógica que permita identificar se um artigo, em particular, deve ser disposto na seção geral de Artigos ou de Crítica. Uma discussão fundamental na hora de definir a organização e apresentação da edição, tendo em vista que se trata de

uma publicação de caráter acadêmico e dirigida para uma área específica do conhecimento.

No primeiro número da revista, o instigante trabalho de Stéphane Huchet: “Paradigmas arquiteturais e seus devires: Durand, Duchamp e Eisenman” (p. 59-79) chama a atenção para essa discussão. A matéria, encontrada na seção geral de Artigos, guarda maior relação com o trabalho de crítica, uma vez que cumpre com a intenção de explodir os significados ocultos de uma relação inédita e, ao mesmo tempo, poética, como a que o autor estabelece entre os díspares personagens de sua tese: o arquiteto da Ilustração e tratadista Jean-Nicolas-Louis Durand (1760-1864), também desenhista de Etienne-Louis Boullée; o dadaísta, surrealista e, fundamentalmente, indefinível artista Marcel Duchamp (1887-1968) e, por fim, o experimental e inovador arquiteto Peter Eisenman (1932-), o qual, entre outras atividades, foi co-editor da famosa revista *Oppositions*.

Essa matéria seria, sem nenhuma dúvida, uma companhia desejada e ajustada para o trabalho apresentado na seção Crítica por Ana Elena Salvi: “Tafari e a construção da historiografia da arquitetura” (p. 147-158), no qual a autora procura recuperar parte do gigantesco edifício conceitual e cultural construído por Manfredo Tafuri, para reintegrá-lo ao cotidiano do pensamento de nossos meios acadêmicos.

A situação exposta não deve, contudo, ser considerada em detrimento da revista. Muito pelo contrário, apresenta-se como fator positivo, ao revelar uma questão que a própria revista suscita, demandando seu aprofundamento. Esta questão poderia, inclusive, ser objeto de debate sobre o tema da sempre conflitante, ainda que cativante, relação entre história, crítica e teoria. É evidente que pela riqueza temática, seriedade e profundidade conceitual transmitidas pelos diferentes trabalhos apresentados e exigente orientação acadêmica de sua direção, o espírito a guiar essa nova publicação pode oferecer muitos caminhos para esta reflexão, assim como outras as quais enriquecerão o alto padrão de qualidade demandado por essa primeira edição e, com certeza, por outras que virão.

Por último, gostaríamos de chamar a atenção sobre o fato de esse número estar dedicado a Nestor Goulart Reis Filho, Júlio Roberto Katinsky, Carlos Lemos e Benedito Lima de Toledo, eméritos professores do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAUUSP. Essa postura da revista revela o reconhecimento e a gratidão da nova área de concentração da pós-graduação da FAUUSP aos seus ilustres pares, fundamentais na formação do núcleo duro do Departamento de História. Mas também, com esta dedicatória, sinaliza-se o empenho na construção e divulgação de um novo pensamento enriquecedor da identidade cultural, social e histórica, apoiado em nossa mais elevada tradição acadêmica, a partir do incessante trabalho das sucessivas gerações de pesquisadores, representadas já nesse primeiro número da *Designio*.

Definitivamente, uma tarefa de busca do encontro da tradição e da renovação.

Andréa de Oliveira Tourinho

Arquiteta, *master* em estética e teoria das artes, pela Universidad Autónoma de Madrid, e doutora pela FAUUSP.